

VIDEOVOTO

O uso dos meios é o fim?

GUIDO HELENO
Da Editoria de Cultura

Se a propaganda eleitoral de rua é feita em cilindros, no rádio e na televisão ela está quadrada. Ser candidato hoje não é apenas ter propostas políticas, desejo de ser Deputado ou Senador. E, antes de tudo, dominar os meios de comunicações de massa, decifrando sua linguagem, enfronhando-se de seus macetes ou, cientificamente falando, dominar suas possibilidades expressivas. No decifra-me ou devoro-te, muitos vão sendo engolidos, deixando-nos a ingrata tarefa da digestão. No improvisado circo da mídia eletrônica, os espetáculos repetem-se duas vezes ao dia, gerando gags que vão do estilo chapliniano ao nononense de Wood Allen. Seja pelo rádio ou pela tevê, não só o horário é de graça.

Se Brasília não tem um passado político devido ao regime de exceção, tem agora a dupla fome: dos que querem votar e dos que querem ser eleitos. Nos demais estados os políticos já

viveram a experiência de enfrentar microfones e câmeras e puderam, na maioria dos casos, aprimorar técnicas para um melhor comício eletrônico, dentro do mais saudável ensaio e erro. Aqui não. Tudo é novo, mas nada divino nem maravilhoso. A falta de tradição política fez com que muitos apelassem para a tradição de morador. Ser pioneiro passou a ser uma questão fundamental. Filhos do cerrado, netos de componentes da expedição Cruis, passaram a exibir um ar de superioridade. Se isto realmente fosse primordial, bastaria pedir um atestado de residência e dar o cargo legislativo àquele que primeiro pisou este místico altiplano. Ai seria o caso de promover um concurso para ver quem era o pioneiro mais pioneiro.

A verdade é que a primeira eleição no cerrado é intensamente cerrada, acirrada e curiosa. Domingo, horário noturno do TRE. Saco de pipoca à mão (é preciso ter saco) lá estava eu diante da tevê. Entra um e diz que não tem mais idade para vender sua

consciência. Ou seja, só os jovens estão habilitados a tal. Se havia um candidato já legislador distribuindo leite e pão. Tem um padeiro querendo legislar. Este, trocadilho óbvio, conhece as massas. Mas não os macetes do vídeo. Zamor começa em plano aberto, uma mesa ao fundo e só então um lerdo trabalho de "zoom-in" mostra o rosto deste filho do cerrado, ao som de música caipira. De repente, surge um tigre, talvez para incutir a idéia de que tal candidato é fera ou mora perto de um posto. Esso. Ney Carneiro, o político brasileiro, aparece cumprimentando o ex-Governador Ornellas, que é de outro partido. Entra Jorge Côrtes, falando em apoiar a criança e o jovem, ao lado de um senhor idoso que entrou mudo e saiu calado. Benedito Domingos — e domingo era o dia dele — fala enquanto ao fundo se tenta veicular depoimentos sobre ele. Código verbal superposto ao código verbal, fazendo com que o primeiro e segundo plano de áudio se misturem. Ainda bem que é rápido.

No Dia da Criança, ela

foi a rainha do programa eleitoral. Raros foram os candidatos que não apareceram ao lado de um bando de crianças que, espantadas, mais perdidas do que garçom na Santa Ceia, não tinham nem a oportunidade de dar o tradicional tchauzinho. As propostas em prol (não em Trol) da criança sucederam-se, muitas, infantilmente. Ter um teto, alimentos e roupas não é direito só da criança, mas de todo o ser humano. Poucos pensaram na criança como criança, em suas expectativas e sonhos. Sentia-se que a criança foi enfocada como filhos de eleitores, já que criança não vota. Mas vai votar um dia. E aí vai querer se vingar.

Hoje, o candidato prevenido precisa munir-se de assessores de marketing político, de experts em colagem de cartazes, em modernos cabos eleitorais. Precisa porém, ter na equipe alguém que domine o intrincado mundo dos eletrônicos como o rádio e a tevê. Alguém que penetre e caminhe com desenvoltura por entre equipamentos de VHS, U-Matic, que domine

os "inserts" de vídeo, a edição de áudio. Compor a linguagem audiovisual em favor de um candidato para que ele tenha não só uma boa imagem, mas uma boa comunicação audial. Prevê-se na estrutura física dos partidos, para breve, toda a parafernália própria de áudio e vídeo. Só assim se fugirá dos cegos improvisos, aos caríssimos estúdios e aos desgastes naturais pelas péssimas aparições nos contados segundos do horário gratuito.

A primeira eleição em Brasília é pontuada não só pelos pioneiros, mas pelo pioneirismo de políticos e eleitores. Não é só no amor que a primeira vez pode ser desastrosa. O negócio é ficar atento não só às possíveis mancas das candidaturas, mas às suas propostas. Mandar calçar ruas, construir indústrias ou implementar a construção civil não é atribuição nem competência de um Deputado ou Senador Constituinte. O cargo é legislativo, isto é, de quem deve fazer leis. E votar bem, com competência, deve ser a principal lei de cada um. Faça votos!.